

SEXUALIDADE, RELIGIÃO E CLASSE SOCIAL (*)

Zaira ARY

I — INTRODUÇÃO (ou “Uma Pesquisa Pretensiosa...”)

Esta comunicação que aqui apresentamos representa um primeiro esforço de sistematização de algumas idéias que tentaremos desenvolver numa pesquisa mais ampla que comportará a participação de alguns colaboradores. Esta pesquisa procura relacionar temas sociais habitualmente estudados de forma desarticulada, tais como religião, classe social e sexualidade. MADURO (1) rompe essa barreira num artigo onde levanta algumas questões prévias para a reflexão sobre a relação entre extração de mais-valia, a repressão da sexualidade e o Catolicismo na América Latina. Em momento oportuno deste trabalho examinaremos a sua contribuição.

Nossa reflexão parte de uma indagação bem genérica que pode ser expressa na questão de saber como se articulam, ao nível do real, as diferentes lógicas subjacentes a sistemas de dominação historicamente estruturados e em permanente mutação, tais como o sistema capitalista de produção, o antigo sistema patriarcal e seus resíduos na família nuclear monogâmica atual (2) e o sistema religioso de

(*) Comunicação apresentada na reunião do Grupo de Trabalho “Religião e Sociedade”, durante o VII° Encontro Anual da ANPOCS, em Águas de São Pedro (SP), de 26 a 28 de outubro de 1983.

(1) Cf. MADURO, Otto, — “Extração de mais-valia, Repressão da sexualidade e catolicismo na América Latina” — *Encontros com a Civilização Brasileira*, 3. Rio, Civilização, 1978.

(2) Cf. 1) MITCHEL, Juliet — *Psicanálise e Feminismo — Freud, Reich, Laing e Mulheres*, Belo Horizonte, Interlivros, 1979, especialmente a “Conclusão: A Sagrada Família e a Feminilidade”, pp. 380-424;

2) DUPONT, Christine — “O inimigo principal — *Liberção da Mulher: Ano Zero*, Belo Horizonte, Interlivros, 1978, pp. 93-112.

interpretação da vida, expresso na doutrina e prática da Igreja Católica. Em termos mais imediatos e mais precisos, nos perturba de maneira intrigante a seguinte inquietação: "como a religião católica funciona como um sistema de reprodução ideológica, de autonomia relativa e de duração prolongada (herança cultural, histórica, ultrapassando modos de produção e penetrando em formações sociais diversas), sistema esse responsável pela veiculação de valores e normas sociais contraditórios, mas basicamente tendentes à sustentação das desigualdades sociais, inclusive as sexuais?"

Apesar da indagação acima formulada, supomos provisoriamente que a *teologia da libertação* procura superar na sua lógica interna o problema da desigualdade de classe ("opção preferencial pelos pobres") e da desigualdade de sexo. (3) Desconfiamos, no entanto, que essa mesma teologia se apresenta com alguma inconsistência e incoerência no que se refere às referidas desigualdades, quando "aparece" no discurso doutrinário manifesto em alguns movimentos religiosos de base da Igreja Católica no Brasil.

Evidentemente, questões desta natureza exigem inúmeros estudos aprofundados e conhecimentos sistematizados de diversas ordens que necessitamos ainda realizar. Contudo, consideramos válida a tentativa que ora iniciamos de levantar algumas questões substantivas para a reflexão conjunta de estudiosos especializados em diferentes temas no campo das Ciências Sociais, especialmente aqueles que se preocupam com estudos da religião e estudos feministas (questões da família, dos papéis sexuais femininos e masculinos e da sexualidade propriamente dita). Trazemos aqui, então, para apreciação dos colegas e na expectativa de receber valiosas contribuições, esse "quase" projeto de pesquisa que, nem bem ainda projeto acabado, já apresenta algum resultado efetivo de pesquisa. (Vide segunda parte deste trabalho).

(3) Vide, entre outros, Enrique D. Dussel — *Filosofia da Libertação na América Latina*, São Paulo, Lovola/Unimep, s.d.: Conforme o tópico 3.2 "Erotica", vejamos a seguinte citação: "A falocracia, império constituinte do falco, é um sucedâneo ou um determinante da plutocracia. No processo da conquista da América, o europeu não só dominou o índio, mas também violou a índia. Cortês se juntou com Malinche, uma índia, mãe do mestiço. O ego cogito funda ontologicamente o "eu conquisito" e o ego fálico, duas dimensões da dominação do homem sobre o homem, mas agora de uma nação sobre outra, de uma classe sobre outra. A sexualidade é assim uma dominação política, econômica, cultural." (p. 89)

Em maio próximo passado, num "esboço preliminar", havíamos delineado nossas primeiras idéias da seguinte maneira: "Levando em conta a generalizada impressão de que os cidadãos 'nordestinos' mais acentuadamente do que os brasileiros em geral (?) seriam bastante 'despolitizados' (fruto da dominação classista) e, em contrapartida, arraigadamente ideologizados pelos ensinamentos doutrinários e práticos da religião católica, pretendemos observar como, em alguns sujeitos *masculinos* e *femininos* do Estado do Ceará (4) se articulam ao nível de sua *consciência* os elementos ideológicos específicos de sua *condição de classe* (traba'ho), de sua *condição sexual* (ser masculino e ser feminino) e de sua *filiação religiosa* (doutrina interiorizada e prática cristã desenvolvida). Em outras palavras, temos interesse em recolher certo material empírico para alimentar o debate teórico em torno do *machismo* (como ideologia da desigualdade sexual com a valorização social do "macho" e desvalorização social da mulher), e do *classismo* (como ideologia justificadora da desigualdade econômica entre os cidadãos com valorização do "rico") e para verificar até que ponto essas ideologias são ambas sustentadas pela pregação religiosa católica da desigualdade "natural" entre os homens (e entre homens e mulheres) como algo desejado pela divindade e, portanto, como algo sagrado (sobrenatural). Numa primeira tentativa de operacionalização destas questões, nos interessaria saber: 1) ao nível de *representações religiosas*, como se dão as *relações*:

- a) do sujeito com ele mesmo;
- b) do sujeito com Deus;
- c) do sujeito com a natureza;
- d) do sujeito com os outros homens;
- e) do sujeito com a sociedade.

2) ao nível das *representações de classe*, como se dão as *relações*:

- a) do sujeito com seus iguais;
- b) do sujeito com seus diversos (antagônicos ou não);
- c) do sujeito com o Estado.

(4) O número de sujeitos a serem entrevistados serão definidos ao longo da pesquisa.

3) ao nível das representações *sexuais*, como se dão as *relações*:

- a) dos homens com os outros homens;
- b) dos homens com as mulheres;
- c) das mulheres com outras mulheres;
- d) das mulheres com os homens.

Pretendíamos, então, entrevistar sujeitos participantes de movimentos sociais religiosos (de início basicamente católicos) na suposição de que estas pessoas estariam mais imediatamente expostas a um tipo de doutrinação mais diretamente "perceptível" numa análise de discurso revelador do tipo de consciência social. Assim, poderíamos entrevistar participantes das diversas pastorais da Arquidiocese (grupos de jovens, movimentos de casais, comunidades eclesiais de base, "Renovação Cristã", ordens religiosas masculinas, femininas etc.).

Tendo apenas esboçado as linhas gerais do nosso projeto, como verificamos acima, surgiu a oportunidade de examinar — por análise de conteúdo — um movimento de casais, ora em ação no Brasil, chamado "Encontro de Casais com Cristo". Assim, apresentamos, numa forma preliminar, um primeiro estudo aproximado à linha do projeto de pesquisa proposto.

II — ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE A MISSÃO DA FAMÍLIA E O MODELO DE FAMÍLIA, CONFORME O SERVIÇO DE PASTORAL FAMILIAR DA IGREJA CATÓLICA — "ENCONTRO DE CASAIS COM CRISTO".

"Apesar de ter surgido de uma mensagem libertadora e igualitária, o Cristianismo é uma religião sexista."

(Teresita de Barbieri (5))

(5) BARBIERI, T. — "Una invitación a reflexionar sobre nuestros ancestros" in: *FEN*, Volumen V, n.º 20, agosto 1981 — enero 1982. Editado por Nueva Cultura Feminista (n.º especial sobre "La Mujer y la Iglesia").

A — Introdução

Tendo recentemente tido a oportunidade de entrar em contato ocasional (6) com o "Encontro de Casas com Cristo" — "um serviço de pastoral familiar da Igreja em favor das famílias da paróquia" — resolvemos proceder a uma análise de conteúdo destacando alguns aspectos contidos no discurso de orientação básica para este serviço — algumas "mensagens" — emitidas pelo idealizador e presidente do Conselho Superior dos ECC. Estas "mensagens" foram proferidas em diferentes ocasiões ao longo dos sete anos de existência deste serviço e contêm as linhas gerais — doutrinárias e estruturativas, que dão o sentido estrito da temática e do funcionamento desta organização nos seus encontros" a nível local, regional e nacional. (7) Observamos que, apesar do "grande receio de criar estruturas para a organização (pois o "Evangelho é vida e não teoria"), é considerado importante "não introduzir mudanças no Roteiro do ECC a fim de preservar-lhe a unidade". Assim, é norma estrita que todos os núcleos devam seguir o *roteiro* (8) rigorosamente, quer quanto ao horário, quer quanto a seqüência (e conteúdo) das palestras e outras movimentações do ECC. Dada essa regularidade no conteúdo das palestras, consideramos possível e faremos aqui a tentativa de apreender algumas idéias-chaves para analisar seu conteúdo ideológico.

- (6) Fui convidada por um "dirigente espiritual" (padre) de um núcleo de ECC da Arquidiocese local para proferir uma palestra sobre o conteúdo de meu livro — *Domesticidade: "Cativo" Feminino*, Rio, Achiamé, 1982 — no VI Encontro Nacional de Casais com Cristo, que se realizou em Fortaleza, de 8 a 10 de julho do corrente ano.
- (7) Baseamos a presente análise em dois documentos, um deles um pequeno livro intitulado — *Reflexões sobre o Encontro de Casais com Cristo*, que compila basicamente inúmeras mensagens (algumas de conteúdo repetitivo) do Pe. Alfonso Pastore e o outro, uma palestra sua recentemente proferida pelo mesmo no VI Encontro Nacional (acima referido) — "Matrimônio, vocação à santidade (Mimeo). Pe Alfonso Pastore, idealizador deste serviço (e não "movimento"), como ele próprio faz questão de frisar — revela ter trabalhado muitos anos com a Juventude Operária Católica (JOC), ter participado de trabalhos em fábricas e hospitais e ter chegado à conclusão de que "é ilusão pensar que se catequise alguém no ambiente de trabalho", pois "o homem na fábrica, no escritório, na firma, na repartição pública está para ganhar salário". Acrescentamos a diminuição dos marginalizados, devemos lutar pela família". (Reflexões sobre o ECC, p. 58).
- (8) Vide em anexo o *roteiro* do ECC.

B — A Missão da Família

O "Encontro", segundo seu ideólogo, "é um serviço da Igreja em favor da família, da grande família brasileira, batizada, casada e abandonada. Visa despertar nos cônjuges a necessidade de uma profunda unidade, de um maior relacionamento entre pais e filhos, de uma generosa abertura para as outras famílias, e, especialmente, de um crescimento constante na vida matrimonial". "Poderão fazer o ECC as pessoas de qualquer religião, cristã ou não, raça ou cor, que sejam casados no civil e religioso, ou só num deles; os que são solteiros mas vivam maritalmente, os viúvos, os sacerdotes e religiosos (R. ECC p. 5). Ficam excluídos, no entanto, os casais que, mesmo preenchendo as condições acima referidas, sejam consideradas pelos organizadores como "casais desajustados", sendo que esta condição — tipo, grau e características de desajustamento — não fica definida em nenhum trecho dos documentos.

Essa primeira clivagem que acabamos de destacar acima, ao separar casais "ajustados" e casais "desajustados", não foge à razão dualista que parece predominar na visão de mundo do ECC, assim como na lógica estruturante da visão de mundo da doutrina católica.

Qual o dualismo fundamental encontrado nos pensamentos destes textos (mensagens)? Esquemmatizando, diríamos que a IGREJA, através do ENCONTRO, "puxa" a família (*marginalizada de sua esfera*) para o seu lado (*salvação*), porque, *do lado de lá, está o MUNDO (perdição)*.

Temos, então, primeiramente, IGREJA E MUNDO como dois pólos opostos.

- "O mundo despeja sobre nós exemplos de podridão moral, social e política (R. ECC., p. 13).
- "O mundo está repleto de vícios: tóxicos, abortos, desquites, alcoolismo, egoísmo... (R. ECC, p. 25).

Essas e muitas outras passagens se referem a *mundo* ("filosofia do mundo", "espírito do mundo", "mundo dos homens", "olhos do mundo", "estruturas do mundo") como uma totalidade abstrata, a-histórica e não-estruturada concretamente em *sociedades*, com diferentes culturas, com classes sociais diferenciadas e antagonizadas, com papéis sexuais distintos e opressivos para homens e mulheres (especialmente

para elas), com modelos econômicos e políticos excludentes da maioria dos cidadãos, e, por isso, modelos dominadores e desumanos...

Contudo, apesar da referência acima — idéia de mundo tomado como uma abstração — podemos constatar que não é bem assim, quer dizer, podemos apreender no discurso outra clivagem menos evidente, talvez, mas reveladora da estrutura da relação entre *nós* (os encontristas — casais cristãos na Igreja) e outros cidadãos — os *pobres* da periferia (que estão do lado do mundo?). Quem são o *nós* (economicamente falando)?

Apesar da preocupação — “misturar ricos e pobres, no matrimônio somos iguais” — o movimento identifica o *nós*, quer dizer, seus membros como majoritariamente pertencendo à classe média e tem-se questionado sobre essa tendência.

“P — Na sua Paróquia ou Diocese, dá-se preferência aos convidados mais humildes? Ou a classe preferida é a classe média?

R — A tendência é atender à classe média em função de uma maior concentração de lideranças e poder decisório. E num processo de vasos comunicantes serem convidados casais da mesma categoria social. A estrutura do ECC, com inerentes custos financeiros, tem afastado as classes mais humildes.” (9)

O outro pólo desta dicotomia — os *pobres*, são considerados um dos alvos a serem atingidos pela ação evangelizadora dos casais, pois “a primeira etapa do Encontro visa despertar os casais para viverem seu casamento e sua família, a segunda etapa visa o aprofundamento da mensagem de Cristo e a terceira etapa visa o homem e a justiça social” (R. ECC, p. 1):

— “Enquanto não *assuirmos* os pobres da periferia não somos Igreja” (R. ECC, p. 2).

— “O Encontro de Casais com Cristo, se quiser ser Igreja, deve comprometer-se com o homem jogado na periferia de grandes cidades, nas vilas, nas colônias rurais. Esta

(9) Pergunta e resposta incluída no relatório dos Círculos (Grupo 2, 1.º círculo) do VI Encontro Nacional de Casais com Cristo, já referido acima.

é uma obrigação de consciência cristã dos cinco casais de cada paróquia ou diocese e se não se sentirem em condições de se comprometer com os pobres, demitam-se antes de trair a Igreja." (R. ECC, p. 37)

— "Lembramos a necessidade de atender às famílias dos sitiados, dos moradores da roça. Infelizmente, o Encontro de Casais com Cristo está mais nas grandes cidades, exceto no Estado de Santa Catarina, que atingiu os moradores das colônias. Não podemos ficar tranquilos enquanto não sairmos de nós e formos ao encontro dos que mais carecem." (R. ECC, p. 44)

— "... Normalmente os movimentos da Igreja se estiolam por se estruturarem e por se estabelecerem nas altas camadas da sociedade... Convertamo-nos numa Igreja pobre a serviço do pobre. Onde o pobre tenha vez, possa falar, ser ouvido e verdadeiramente amado."

Como podemos observar pelas citações acima indicadas, esse tipo de organização cristã propõe um "projeto" de ação social para os casais incentivando, em parte, suas ações na direção dos pobres ("assumir os pobres da periferia", "se comprometer com os pobres", ir ao encontro dos que mais carecem etc. são expressões que grifamos nas citações acima). Contudo, praticamente não se define quem são os pobres, isto é, que categorias sociais reais, e até que nível de renda podem algumas pessoas ser consideradas pobres (10) "pobreza", "carência" são conceitos que indicam graus, medidas de apropriação de bens — no caso, escassas — mas não revelam em que medida essas categorias — pobres, mais ou menos indefinidas, estão envolvidas com outras categorias ("riscos") em relações de dominação ou subordinação que, estas, sim, explicam porque alguns são "pobres" e outros são "ricos". Quer dizer, essa linguagem —

(10) Um único trecho, entre todos os textos analisados, faz referência, nomeia as categorias de pessoas que seriam os "pobres" atendidos voluntariamente pelos casais — *doentes, presos, drogados, meninos abandonados, empregadas domésticas, velhos desamparados*, (vide VI ENCC, p. 4).

pobreza e riqueza — escamoteia, ao nível simbólico, as reais situações sociais *de classe* e as *relações de dominação* que estruturam dinamicamente os estratos sociais de uma determinada sociedade concreta, estratos esses profundamente inter-relacionados no processo de produção social da existência, ao nível coletivo.

Ainda quanto ao “projeto” de ação social proposto pelo ECC fica, a nosso ver, também bastante ambígua e imprecisa a questão de definir *quais os limites políticos deste tipo de ação*:

- “Nosso compromisso com os pobres de Deus é tão vasto e tão agudamente provocador, que pode sugerir as mais diversas formas de atuação e levar-nos muito além deste encontro.” (R. ECC, p. 35)
- “Sem ser um fim em si, o ECC é um meio de exercitar a nossa capacidade de doação e disponibilidade. Devemos estar abertos a novos chamados e novos compromissos.” (R. ECC, p. 40)
- “Nosso esforço se coloca numa tendência que se opõe ao *status quo* — uma tendência sempre irrealizada mas sempre próxima da perfeição que somente encontraremos em Deus.” (R. ECC, p. 39)

Nota-se, pois, que, apesar da recomendação explícita de que “o casal é responsável pela transformação das estruturas do mundo, injustas e opressoras”, “de que é preciso saber dizer não à sociedade, aos esquemas de poder, às solicitações dos sistemas” e inserir-se “nos ambientes de marginalização e depravação bem como nos meios de comunicação e nos postos de decisão” — não aparece claramente que características dos sistemas (e de que sistemas) estão sendo criticados e, além disso, que modelos alternativos de sociedade humana poderiam ser propostos e construídos ao *nível temporal*. Quer dizer, a ação social (secundária, pois a primária é dirigida à própria família que analisaremos posteriormente) se orienta para a *negação da pobreza* como realidade material indigna, pois,

- “Tudo o que ofende a dignidade humana contradiz muito a honra do Criador, e, por

isso, o discípulo de Cristo não pode ficar indiferente às tristezas e angústias dos homens de hoje, sobretudo dos pobres e dos que sofrem." (R. ECC, p. 39)

mas "resolve" essa situação material, histórica, estruturalmente condicionada (11), com propostas *espirituais, a-temporais* e porque não dizer, *eternas*.

- "Esquecemo-nos de que uma "utopia cristã" tem o aval de Deus, a quem tudo é possível: um mundo de irmãos, de um só pastor e um só rebanho, se constrói sobre as aspirações mais profundas do homem. Ela tem o amparo da revelação e não da ficção ou do imaginário." (R. ECC, p. 39)
- "Os nossos objetivos fundamentais estão bem claros no Evangelho e nas encíclicas papais..." (R. ECC p. 37)
- "Através de constante reflexão tenta viver a simplicidade, a oração, a *integração das classes*, não foi acaso isto que Deus quis e a Igreja proclama?"

Finalmente, a ambigüidade detectada acima se "resolve" também ao nível temporal quando são colocados os limites da ação social que, no caso do ECC, deve visar especialmente a *família* e a *paróquia*, tomadas como instâncias coletivas onde aparentemente se "dissolvem as desigualdades de classe" ("misturar ricos e pobres, no matrimônio somos iguais", "um mundo de irmãos, de um só rebanho e um só pastor", "integração das classes"):

"O ECC não se pensa como um exército de Deus, como uma ação política universal. Situa bem os limites de nossa atuação: a família, a comunidade paroquial. Precisamos lembrar, como o fazem os documentos do ECC, que uma vida comunitária fraterna, e cheia de amor, dos primeiros cristãos, moveu um império?" (R. ECC, p. 40)

(11) Conforme interpretação da "teoria da dependência", que explica a pobreza contemporânea, o "subdesenvolvimento" como um *produto* da dinâmica da acumulação da riqueza apropriada pelos ricos (grupos, classes, nações) a partir das *relações de dominação*, que regulam, em diferentes níveis, a produção e a reprodução da vida coletiva no sistema capitalista.

Tentando delimitar o âmbito geográfico-social da ação política do serviço (ECC) verificamos, pela citação acima, que o autor passa da exclusão do âmbito universal ("ação política universal") à restrição ao âmbito paroquial e familiar, encarados como domínios fora da história e da estrutura de classes sociais brasileiras. Em outras palavras, a família e a paróquia seriam instituições sociais matrizes que estariam isentas das contradições que fazem com que sejam profundamente desiguais, portanto, anticristãs as estruturas que "organizam" a sociedade brasileira. Além disso, fica insinuado, nesta citação, a possibilidade de uma missão profética atribuída à família e à paróquia tomadas como instâncias supostamente libertadoras das inúmeras contradições inerentes ao sistema capitalista na sua "forma" brasileira ("amor" e "vida comunitária fraterna" poderão mover um império?)

"O ECC é uma esperança para a família, para a pessoa, para a Igreja e para a Pátria." (VI ENCC, p. 5)

C — O Modelo de Família

Tendo verificado que para o ECC a missão da família cristã é basicamente trabalhar *pela própria família*, passamos então a examinar a concepção de matrimônio (casamento), casal, enfim o "modelo de família" proposto nas orientações doutrinárias explícitas que encontramos em algumas "mensagens".

No texto — "Matrimônio — Vocação à Santidade" (12), lemos os seguintes trechos:

... "Foi o próprio Deus que quis o matrimônio, como está claro na vida de Adão e Eva, colocados propositadamente por Deus como início de caminhada que nos leve a aliança da qual o próprio casamento é o símbolo. Quantas vezes o próprio Espírito Santo invoca o exemplo de Adão e Eva como fonte matrimonial querida por Deus..." (VI ENCC, p. 2)

(12) PASTORE, Pe. Alfonso — "Matrimônio: Vocação à Santidade" (mimeo). Fortaleza, 8 a 10 de julho. VI Encontro Nacional de Casais com Cristo. (Vide nota 7).

... "Se a renovação da vida espiritual para o reino de Deus não partir da família, estaremos desprezando a própria base que Deus estabeleceu na natureza. E quem despreza ou relega a natureza mais cedo do que imagina, sofrerá as conseqüências... Por que tanta insídia contra o matrimônio e o lar? Justamente porque uma pessoa sem família é vítima fácil de todas as ideologias; é um ser que se radicaliza com extrema facilidade..." (VI ENCC, p. 4)

Em primeira instância aparece nesse discurso o casamento (matrimônio), com uma determinação "sobrenatural", pois seria Deus, como agente acima da natureza, que teria inventado — o homem e a mulher ("Adão e Eva"), a atração física entre eles e a regulamentação da relação entre os sexos (valores, normas e sanções) na "ordem" básica que chamamos de *família*. Esta "ordem" seria então uma instância *sobrenatural* (criada por Deus), e *sacralizada*, pois, pela sacramentalização, teria sido elevada à condição para a "santidade". Assim sendo, a família, apesar de ser citada como uma "célula primária e vital para a sociedade" (definição sociológica), não é considerada uma instituição social, *cultural e historicamente estruturada* de *n* formas diferentes, conforme diversos modelos de sociedades, em diferentes momentos históricos. Ela seria reificada como instância de natureza sacral que a tornaria impossível de ser avaliada pela razão histórica e por critérios científicos (sócio-antropológicos, biológicos etc.) tais como poderiam ser avaliadas as outras instituições sociais.

"Uma pessoa sem família é vítima fácil de todas as ideologias" — quer isto dizer que as ideologias estão fora da família, dado que os padrões impostos transmitidos à consciência do sujeito na família seriam teológicos e não ideológicos?

Mais uma vez aparece, a nosso ver, certa ambigüidade no tratamento do tema família, pois não é a *família* que é uma instituição intocável e sagrada, mas *certas* famílias que estando integradas à Igreja poderão aspirar (e alcançar?) certa "unidade", "harmonia", "plenitude" que só é prometida aos de dentro...

"A família é a fonte de todo bem ou ninho de toda desagregação"... "A Igreja, através do ENCONTRO, visa inspirar um maior relacionamento entre os cônjuges, levar o casal a uma maior compreensão dos filhos a fim de que a família... "possa formar personalidades integrais"... "levar os casais à plenitude da vida familiar cristã... "a uma perfeita unidade matrimonial..."

Encontramos algumas considerações com conotação diferente destas a respeito da concepção cristã do matrimônio num estudo recente elaborado por um grupo de teólogos norte-americanos sobre a sexualidade humana (13). Vejamos o que nos dizem num trecho da introdução:

"A atitude católica diante da sexualidade humana se revela à primeira vista não apenas complexa, mas até contraditória. Há uma ambigüidade no cerne da tradição católica que dá azo à ambivalência. De um lado, considera-se o matrimônio como um sacramento que intensifica a relação do homem com Deus; encaram-se as relações matrimoniais como cooperação com a criatividade divina; e a união de marido e mulher é um símbolo da união entre Cristo e a Igreja. De outro lado, deu-se muita importância ao fato de Jesus ter sido celibatário; durante muitos séculos julgou-se a virgindade superior ao matrimônio; e as condições em que o prazer sexual é "permitido" como "legítimo" ainda permanecem restritas a um grau que encontramos em poucas culturas, sistemas éticos ou religiões.

Existem diversas razões que explicam a complexidade da atitude católica diante do sexo. A tradição da Igreja está marcada por um desenvolvimento histórico que cobre cerca de três mil anos. Esteve sujeito a muitas influências religiosas, culturais e filosóficas. Embora com raízes na Bíblia, que também atesta a evolução moral e inclui teologias diversas, a doutrina católica chega até nós desde os Santos Padres e os escolásticos

(13) KOSNIK, Anthony (coord.) — *Sexualidade Humana — Novos Rumos do Pensamento Católico Americano*, Petrópolis, Vozes, 1982.

medievais, com as limitações de sua condição histórica pré-científica. Os conhecimentos inadequados de biologia, bem como os tabus religiosos, a tradição de tratamento subumano da mulher e a filosofia dualista da natureza humana deixaram suas marcas diversas no pensamento católico."

Um outro aspecto que destacamos para analisar diz respeito ao casamento visto como um processo de *fusão* profunda de duas pessoas. A esse respeito vejamos os seguintes trechos:

- "O casamento implica não apenas na companhia, mas na plena identificação dos cônjuges entre si e com Deus." (R. ECC, p. 17)
- "O casamento implica na união de duas pessoas que não deverão confrontar-se, mas unir-se e fundir-se uma na outra para a realização da união interior." (R. ECC, p. 18)
- "... o mal, sob a forma do egoísmo, instalou-se no seio do casal. Quebrou a dependência do amor."
- "... A união é tão íntima que a realidade de uma só carne é também uma só alma. O amor que age no íntimo de um, atinge o consorte de tal forma que o abre à verdade salvadora. Se um ama, respeita, promove, perdoa o consorte por ser ele o seu Cristo, ainda que não seja correspondido, o salvará Deus pela unidade do sacramento do matrimônio." (VI ENCC, p. 1)

METRAL (14), em seu livro, discute a temática da *fusão* no casal e na família quando, no capítulo intitulado — "A fusão no lugar da solidariedade", analisa o que destaca como sendo uma novidade do século XIX — a generalização da família conjugal e os sentimentos amorosos que ela torna obrigatórios, como resultado de uma série de transformações econômicas (urbanização e industrialização) e sociais que ela analisa esquematicamente esse contexto, o papel da mãe adquire nova figura (santidade profana), o filho adquire um

(14) METRAL, Marie-Odile — *La Famille. Les Illusions de l'unité* , Paris, Les Éditions Ouvrières, 1979.

valor ideológico (“criança-rei”) e surge o “culto do casal ideal” e da “sexualidade bem sucedida”.

“... a classe dominante acaba por interiorizar ela mesma o modelo que ela tinha imposto (à classe trabalhadora) em seguida do amor das crianças: o *amor do casal*, não mais uma comunidade nem mesmo uma associação de indivíduos diferentes, mas uma *rede de identificações sem distância*. A autonomia é primeiramente interdita-da... Violência contra violência. Pois o amor, se se ousa pronunciar este nome por uma sentimentalidade tão desviada, esconde freqüentemente uma extraordinária violência. Impedir o outro de ser ele mesmo, de ser só, de estar com outros mas sem se tornar o outro, semelhante ao outro, alienado em sua imagem, tem mais de violência que de amor. A autonomia é aquilo que a família moderna torna impossível exatamente como a atual sociedade capitalista: uma e outra praticam a *integração* sob pena de rejeição e de exclusão. Muito submissa ou muito autoritária, às vezes uma e outra, muito afetiva em todo caso, a família passa do amor à violência desde que um membro rompe um pouco sua marcha uniforme...” (grifos nossos)

A nosso ver, enfim, a ideologia da fusão esconde um outro aspecto que destacaremos ainda, e que assim como os demais já abordados, supõe uma elaboração muito mais ampla do que a que é possível realizar neste trabalho. A fusão, vista como um processo necessário para a obtenção da unidade (“harmonia conjugal”) esconde, escamoteia o padrão *dominação-subordinação* que regula as relações das pessoas — componentes do casal — pessoas essas socializadas de maneira tão desigual a partir dos *modelos masculino e feminino* predominante na cultura ocidental contemporânea. Antes de desenvolvermos um pouco mais essa discussão, examinemos como “apareceu” o *feminino* e o *masculino*, enquanto componentes complementares do casal ideal (15), no discurso doutrinário orientador do ECC:

(15) Para uma discussão dos “papéis sexuais masculino e feminino na família monogâmica e no mercado capitalista”, levando-se em conta especialmente a divisão social do trabalho por sexo, veja-se das páginas 78 a 80, do nosso livro — *Domesticidade: “cativoiro” feminino*, op. cit.

- “A mulher deve estar presente na hora certa com atitudes certas, com riqueza interior... A mulher hoje é convidada a grandes atitudes de vida interior para formar o lar para criar virtudes nos filhos, Ideal, superação...” (R. ECC p. 23)
- “Nossa Senhora soube dizer sim; doou-se incondicionalmente, não exigiu nada em troca, nem garantias, nem explicações. Disponibilidade.” (R. ECC, p. 23)
- “... mãe verdadeiramente cristã que compreende que era sua missão com a vida física, dar-lhe a vida nova de Cristo Jesus mesmo a custa de 30 anos de oração e renúncia.” (VI ENCC, p. 2)
- “Estas e outras tantas mães cristãs deveríamos colocar em evidência nesta época de um feminismo egoísta, sensual e fútil.” (VI ENCC, p. 2)
- “Quantos exemplos de homens rudes, egoístas, sensuais, materialistas que foram convertidos pelo exemplo de virtudes da esposa.” (VI ECC, p. 1)
- “O casamento é para a eternidade. Júlio casa-se com Rosa para enriquecê-la de virtudes, ajudá-la a eliminar os erros e pecados, motivá-la a comprometer-se com o próximo e assim apresentá-la a Deus pura e sem mancha...” (VI ENCC, p. 3)

Nesse discurso, como podemos constatar, o ideal feminino supõe que a mulher cristã como esposa seja “presente com atitudes certas e riqueza interior”, “superação”, “disponibilidade”, “perseverança”, “renúncia”, “exemplo”, “virtude” e sobretudo *que não seja sensual*. O homem, como marido, “aparece”, ora como freqüentemente portador de traços condenáveis — “rudeza”, “egoísmo”, “sensualidade”, e “materialismo”, ora como *sujeto* responsável até mesmo em promover

as virtudes da mulher e ainda "apresentá-la a Deus pura e sem mancha". Em suma, supõe-se que a mulher seja *serviçal* (com tendência para a santidade) e o homem *sujeito* (com tendência para o pecado?!?!).

A respeito do fundamento religioso para a constituição, perpetuação e difusão do modelo tradicional dos papéis masculino e feminino e sua complementariedade, encontramos valiosas contribuições na literatura sociológica contemporânea. SANCHEZ, M. (16) examinando alguns estereótipos religiosos contemporâneos, difundidos pela Igreja Católica na América Latina, desde os tempos de Colônia, comenta:

"Deus, ser sagrado principal, é o criador e conservador do universo; portanto, é um "modelo masculino". O varão deve trabalhar e dominar a terra, o universo — nunca se pensa isto da mulher. Ao mesmo tempo Deus é pai de bons e maus, porém, por isso mesmo deve ser juiz, um juiz que castiga, que é temido: o pai varão é o chefe de família e da sociedade; a ele foi dado o poder de julgar, de castigar e por isso é temido. O culto a Deus onipotente e justiceiro modelou o culto ao poder viril do pai de família castrante e autoritário. O clericalismo e o caciquismo são projeções do domínio tirânico do varão sobre a mulher e a prole. No Cristo sangrado e humilhado, o latino-americano encontra a imagem de seu próprio destino... Ao mesmo tempo Cristo é Filho de Deus... que como tal tem uma mãe que vive com ele, no céu. O filho é obediente ao Pai; mediador entre Deus e os homens, porém, para chegar a ele, tem que passar por sua mãe que ensina o "bom caminho", que se entrega inteira ao cuidado do filho, mesmo ao pé da cruz; que é piedosa, submissa, pura no estilo grego. Este é o modelo religioso da mulher: a Virgem Maria. O resultado é a mulher submissa, sofrida e abnegada; que não sai de casa para não manchar sua pureza; que tem como fim único a maternidade; que está ao serviço do homem em todos os níveis; que não tem

(16) SANCHEZ M., Aurélio G. — "Arquétipos y Estereótipos Religiosos: su impacto en las relaciones varón-mujer". *Perspectivas Femininas en América Latina*, México, SEPSETENTAS, 264, 1976.

iniciativa; que sexualmente é passiva porque é "boa" e só a mulher "má" sente o sexo e ela é "pura"; que não participa no trabalho criador porque isso é especificamente masculino e ela é "feminina"... (Tradução nossa)

Nessa altura, lembrando que os papéis sexuais são *complementares*, destacamos novamente de METRAL outro trecho muito significativo de seu trabalho (17) em que ela reflete sobre a *complementariedade* dos papéis como justificativa que comanda o processo de fusão nos casais:

"A complementariedade é um compromisso entre a hierarquia e a igualdade. A diferença do masculino e do feminino é maciçamente, na história, pensada em termos de desigualdade. Mas, introduzindo a idéia de um igualitarismo, por causa da universalidade da salvação, o cristianismo retomou a seu modo o mito grego da complementariedade para afirmar a igualdade sem perder a hierarquia. De fato, em razão mesma do modelo unitário ao qual se liga a complementariedade onde a figura exemplar é aquela do andrógino (o ser humano verdadeiro seria homem e mulher, e cada um tomado separadamente, não seria mais que uma metade, quer dizer, uma parte de um todo), a diferença é apagada. E olhando mais de perto como são definidas as duas metades, se percebe que a complementariedade só esconde a superioridade masculina. O andrógino é sempre misógeno."

Conforme MADURO (18) suspeita "o último reduto, o mais sólido e importante da funcionalização conservadora do cristianismo contemporâneo, reside na moral sexual oficial das principais igrejas e seitas cristãs". Uma das proposições teóricas que ele insinua como fundamentação para sua hipótese, (19) supõe que "um dos efeitos conservadores mais impor-

(17) Op. cit., p. 79.

(18) MADURO, Otto — op. cit., p. 62 e 63.

(19) "A presença significativa de um certo tipo de prática política — submissa, secundária e descontínua — em certos setores populares latino-americanos se acha continuamente favorecida e reforçada por uma percepção individual-coletiva da sexualidade, vista como central, isolada e pecaminosa, percepção que encontra uma importante fonte de produção, reprodução, difusão e sacralização na prática cotidiana das mais importantes instituições religiosas do continente." (p. 55)

tantes desta tentativa católica de expropriação do corpo dos fiéis consiste no familiarismo cristão", que ele considera por demais machista:

"entendemos por familiarismo um modelo cultural segundo o qual toda energia pessoal deve concentrar-se na construção e reprodução das relações intrafamiliares (e não, por exemplo, na atividade sócio-política); em sua modalidade capital-machista o familiarismo tende a impor à mulher uma concentração total de sua energia nas relações intrafamiliares, enquanto orienta o homem a uma concentração parcial (isto é, do resto de energia não utilizável na produção de mais-valia) nessas mesmas relações... os efeitos do familiarismo machista — e, por conseguinte, da moral católica "moderna" — são muito profundos e devastadores no lado feminino de nossa sociedade. Com efeito, se a mulher aparece — ao mesmo tempo — como mais "religiosa", mais familiar, menos politizada e menos profissionalizada, isto não se dá pela natureza, nem pela causalidade, mas por conta de uma opressão histórico-social, objetiva e subjetiva, sofrida pelas mulheres. O *objeto sexual*, socialmente definido de modo fundamental e quase exclusivo como *mãe* (real ou potencial), a mulher padece ainda hoje de uma expropriação de sua sexualidade e de seu corpo duplamente mais intensa em sua relação com a do homem; e redobrados também são aqueles "efeitos conservadores" no que tocam a expropriação do corpo feminino. Esta situação assimétrica da mulher em relação ao homem, com a consequente despolitização radical da mulher, se encontra plenamente expressa na moralidade católica de expropriação puritana do corpo dos fiéis."

Enquanto que Maduro coloca que uma percepção individual-coletiva da sexualidade, vista como central, isolada e pecaminosa, favorece um certo tipo de prática política-submissa, secundária e descontínua — em certos setores popula-

res latino-americanos, Botas (20) critica um certo tipo de prática política, contrária àquela que, em síntese, pressupõe uma mesma concepção da sexualidade. No tópico de seu artigo significativamente intitulado — “Da explosão do político e da contenção do eros” — este autor desabafa:

“‘Não é prioritário.’”, provavelmente exclamarão os mais ortodoxos na religião e na política. E nesta afirmação se encontram os extremos de uma mentalidade reacionária — que nega o corpo e o prazer — em nome de outras ‘prioridades’ e da eficácia política. No entanto, se as pastorais das Igrejas — preferencialmente voltadas para os pobres — querem se preocupar com o homem todo, eles deverão enfrentar, o mais possível, os desafios que o sistema capitalista coloca também para a classe trabalhadora. Se falamos de operários e camponeses, é necessário falarmos deles não só como categorias em carteiras profissionais, nem só como sujeitos do processo social, mas, sobretudo, como homens e mulheres que têm direito à vida e não só ao trabalho, e direito à vida implica o direito ao prazer e ao gozo. Teólogos e pastoralistas só conseguiram pensar o amor em termos de Justiça, de Política, de Transformação do Mundo. É raro o texto que pensa o amor como doação de prazer, como vida amorosa. Não é forçoso dizer que a formação afetiva da maioria dos militantes da Ação Católica era a disciplina para a canalização do seu potencial de vida, em outras palavras, ERÓTICO, na grande tarefa de transformação do mundo. A grande disciplina compunha-se de um aprendizado da contenção da Sensibilidade, da Emoção, da Sensação e do Prazer — e do estético ao sexual — para a criação de militantes Virgens e Heróis na maioria dos casos.”

D — À Guisa de Conclusão

O “modelo de família” do “Encontro de Casais com Cristo” pode, a nosso ver, ser razoavelmente tomado como

(20) BOTAS, Paulo César Loureiro — “Creio na Ressurreição da Carne” in: *Religião e Sociedade*, n.º 7, julho de 1981 — Cortez/Tempo e Presença.

um exemplo do "familiarismo", enquanto modelo cultural examinado por Maduro e comporta as restrições que este autor e também Botas fazem sobre a expropriação do corpo e a repressão da sensualidade: família sacralizada, casamento como fusão/complementariedade, onde supostamente se anulam as diferenças, mas esconde a superioridade de um dos componentes do casal, negação da sensualidade insistentemente anulada na mulher e, no homem, encarada como um "mal necessário" a ser controlado pela "virtude exemplar" da mulher no casamento santificado...

Sendo "missão da família" primordialmente trabalhar para a reprodução deste mesmo modelo de família e, secundariamente, "trabalhar pelo homem e a justiça social" (opção preferencial pelos pobres), fica para nós um problema insolúvel: pretende o movimento ECC salvar a sociedade de classes ("ricos e pobres") estendendo o modelo de família para os pobres (na suposição de que lá entre os pobres o "modelo" não é o mesmo ou salvar a família de classe média de sua "culpa" em compactuar com estruturas injustas que expropriam os "pobres" (ou os trabalhadores em geral) de muitos bens, inclusive da própria possibilidade de ter uma família?

Nossa reflexão fica aberta a qualquer questionamento...

A N E X O

DO ROTEIRO: Todos os núcleos devem seguir o roteiro abaixo, rigorosamente, quer quanto ao horário, quer quanto à seqüência das palestras e outras movimentações do ECC.

SEXTA-FEIRA

- 20:00 h — Recepção — Café
- Entrada — Canto
- Apresentação do Programa
- 20:40 h — PLANO DE DEUS
- 22:00 h — Testemunho
- 22:15 h — Visita à Capela

SÁBADO

- 07:50 h — Café
- 08:00 h — Vigília na Capela
- 08:30 h — HARMONIA CONJUGAL
- 09:00 h — Círculos de Estudo
- 10:00 h — Café
- 10:15 h — Apresentação dos Círculos de Estudo
- 10:40 h — DIÁLOGO COM OS FILHOS
- 11:30 h — Conversa a dois
- 12:00 h — Almoço
- 12:45 h — Café
- 13:00 h — Cartazes
- 13:50 h — Apresentação dos Cartazes
- 14:10 h — Sociodrama com Solução
- 14:40 h — PENITÊNCIA
- 15:10 h — Café
- 15:25 h — JOVENS
- 16:00 h — Conversa a dois
- 16:40 h — NOSSA SENHORA NA VIDA DE FAMÍLIA
- 17:30 h — CEIA EUCARÍSTICA
- 19:20 h — Testemunho
- 19:30 h — Jantar
- 20:10 h — Café
- 20:20 h — Círculo de Estudo — "FILHO PRÓDIGO"
- 20:50 h — Apresentação dos Círculos de Estudo
- 21:10 h — FÉ NOS REVEZES DA VIDA
- 22:00 h — Visita à Capela.